

# Webinário 80 anos da PUC-Campinas

## Fraternidade e diálogo: compromisso de amor<sup>1</sup>

### *Fraternity and Dialogue: Commitment to Love*

José Antonio Boareto <sup>2</sup>



0000-0001-6253-3871

### Introdução

As comemorações dos 80 anos da PUC-Campinas foram celebradas durante o ano de 2021 com muitas atividades. O webinário 80 anos da PUC-Campinas: “Fraternidade e diálogo. Compromisso de amor” foi realizado no dia 26 de maio das 09h30 às 11h30 no Auditório Dom Gilberto e na plataforma digital Webex. O núcleo de fé e cultura da PUC-Campinas e a Pastoral Universitária foram os organizadores do evento. As conferências foram feitas pelos líderes religiosos convidados: o sheikh Jihad Hassan Hammadeh, o rabino Gilberto Ventura e a ialorisá Tânia Vitor. Participaram do webinário: alunos, professores, gestores e demais públicos interno e externo.

A temática que motivou o webinário foi a reflexão oferecida pela Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 sobre a fraternidade e o diálogo como compromisso de amor. A reflexão proposta pelas igrejas cristãs ofereceu uma leitura daquele momento que permanece atual, pois considerou a situação de pandemia global, ao mesmo tempo, analisou o contexto social brasileiro. Nosso objetivo aqui com este artigo é oferecer uma contextualização necessária da temática, e em seguida, trazer as vozes dos líderes religiosos e avaliar a sua importância à luz da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021 e do magistério católico propondo uma reflexão teológica diante dos desafios do fundamentalismo.

### **A proposta do webinário e a relação com a temática da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021**

Após a apresentação da mesa diretiva pelo Pe. Antonio Douglas, o arcebispo metropolitano de Campinas dirigiu uma palavra aos participantes do webinário no qual afirmou que

<sup>1</sup> Webinário 80 anos da PUC-Campinas: “Fraternidade e diálogo. Compromisso de amor” realizado no dia 26 de maio das 09h30 às 11h30 no Auditório Dom Gilberto na PUC-Campinas, *Campus I* e na plataforma digital Webex.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia. R. Professor Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <joseboareto@puc-campinas.edu.br>.

*A paz é sonho de Deus como nós sabemos, aliás, é a identidade de Deus, afinal, como diz São Paulo: Cristo é nossa paz, por isso e neste sentido é elemento intrínseco da pessoa humana a paz que deve ser buscada e construída e isto por todas as pessoas, o governo, religiões, independentemente do que nossos credos dizem. Fundamental neste inter é sempre e de novo constantemente o diálogo e o respeito. Este simpósio vem numa hora oportuna, temos tempos desafiadores que culminam com a pandemia do covid-19, muita dor, muito sofrimento marcam as vidas de todos nós, sobretudo e como sempre dos mais indefesos. (...) O que podemos fazer? Creio que esse simpósio inter-religioso recordando tema da Campanha da Fraternidade ela já não só quer ser uma resposta mas é uma resposta. Toda pessoa acertada em sua identidade se empenha pela paz, pelo respeito, por vida digna e plena para todos. É nossa tarefa enquanto universidade católica fundamentada nos valores cristãos despertar e ou aprofundar questões como está de hoje.*

Em seguida, o reitor Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior dirigiu uma palavra também e afirmou que o simpósio se realizava *“na perspectiva de promover o diálogo inter-religioso com vistas a buscar todos aqueles elementos comuns que ajudam e propiciam a construção da paz entre os homens, a paz na nossa sociedade, da paz das nossas relações diárias”*. O Prof. Ms. Côn. José Luís Araújo acolheu a participação dos líderes religiosos e disse que *“vamos conversar sobre a Campanha da Fraternidade, lembrando que a fraternidade que é exigência de todo aquele que acredita em Deus só é construída no diálogo, radicalismos não constroem fraternidade”*.

Estas falas iniciais direcionaram a proposta do simpósio na perspectiva de refletir sobre a promoção do diálogo inter-religioso com vistas a buscar todos aqueles elementos comuns que ajudam e propiciam a construção da paz entre os homens. Considerando a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 afirmamos que ela refletiu a situação de emergência da pandemia global da covid-19 em nosso país a partir da conceituação necessária de necropolítica do filósofo camaronês Joseph-Achille Mbembe. Fazendo referência a situação-limite da sociedade brasileira à luz desta perspectiva, o CONIC afirma:

Esse sistema de segregação e descarte de pessoas consideradas empecilhos e inúteis permanece ainda hoje. O camaronês Achille Mbembe, chama esse sistema de “necropolítica”, trata-se de uma política em que o Estado se julga soberano para escolher quem morre e quem vive. Na lógica da necropolítica, a humanidade do outro é negada. São estimuladas práticas de inimizade. A violência praticada pelo Estado é legitimada e justificada. No caso brasileiro, sinais da necropolítica são perceptíveis em setores da segurança pública que é altamente repressiva e violenta contra pessoas negras e pobres. Da mesma forma, pode-se ver a necropolítica na não regulação dos territórios indígenas, ou quando o governo brasileiro não adota políticas efetivas no combate da Covid-19. A necropolítica se volta contra as maiorias falsamente consideradas

minorias: juventude negra, mulheres, povos tradicionais, imigrantes, grupos LGBTQI+, todas e todos que, por causa de preconceito e intolerância, são classificados como não cidadãos e, portanto, inimigos do sistema (CONIC, 2021, p. 26).

A realidade deste sistema de necropolítica se faz sentir nos números que podem ser obtidos sobre o crescimento de intolerância religiosa. Diz o CONIC: *“Os choques entre comunidades, grupos e organizações sociais têm como um de seus fundamentos a questão do preconceito étnico e racial”*. (CONIC, 2021, p. 34), daí um crescente de casos de intolerância religiosa contra tradições de matriz africana. No primeiro semestre de 2019, o aumento de casos de intolerância religiosa foi de 56% em comparação ao mesmo período de 2018. No que diz respeito à intolerância contra religiões de matriz africana, chegamos a registrar 61 casos (CONIC, 2021, p. 35).

O texto-base reconhece que

em contextos fundamentalistas e de extremismos, tanto a população negra quanto os povos indígenas precisam diariamente identificar estratégias para viver a sua tradição religiosa. Aproximadamente 12,5 milhões de pessoas foram embarcadas nos navios negreiros para serem escravizadas. (CONIC, 2021, p. 35).

O CONIC afirma que *“a intolerância religiosa é impulsionada para justificar uma moralidade falsa e a prática da violência. A intolerância religiosa é consequência dos muros que nos separam: o racismo, o fundamentalismo do mercado e a xenofobia”*. (CONIC, 2021, p. 35-36). E poderia afirmar, em caráter de síntese, que a provocação feita pelo CONIC com esta temática é convidar a uma conversão para a fraternidade onde o diálogo leva a um compromisso de amor, pois *“a mensagem de Jesus não ergue muros, mas derruba-os, não é de ódio, mas de amorosidade. Por isso, precisamos expurgar a insensatez dos nossos corações e rever a forma como vivemos a nossa fé”* (CONIC, 2021, p. 36).

## **Precisamos de profecias que anunciam a esperança**

O texto-base da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 termina sua primeira parte fazendo alguns questionamentos fundamentais relacionando-os com a necessidade de profecias que anunciam a esperança, que reafirmam o fundamento da fé e que geram vida e não violência. Lemos no texto-base:

Precisamos de profecias que anunciem a esperança, que reafirmem o fundamento da fé e que gerem vida e não violência. Qual seria este caminho? Onde podemos firmar os pés para derrubar estes muros? A que princípios devemos nos apegar para superar divisões que colocam semelhantes em inimizade? Quais os princípios que podem contribuir para superar os discursos que legitimam o ódio e a prática da violência? Como constituir, com base no amor, um só povo em sua diversidade? A fé em Jesus Cristo, nos anima para a esperança, por isso, oremos: *“Agora, o que mais importa é renascer na esperança. É renascer, renascer na esperança. Já não*

existem mais raças, não mais os muros da cor, nas ruas e pelas praças louvamos Nosso Senhor. E já não valem as classes com tristes separações. Agora todos têm faces e unidos os corações. (CONIC, 2021, p. 36).

Reconhecemos que as falas dos líderes religiosos podem ser consideradas como profecias que anunciam a esperança, reafirmando o princípio de sua fé e gerando vida e não violência. A partir das narrativas dos líderes religiosos pretendemos apresentar uma interpretação à luz do texto-base, sobretudo, dialogando com o saber teológico-pastoral presente no texto.

### Sheikh Jihad Hassan Hammadeh

O Sheikh Jihad Hassan Hammadeh é Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. Graduado em História pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2001) e formação teológica na Universidade de Medina/Arábia Saudita. Tem experiência na área de Teologia Islâmica. Ministra palestra principalmente nos seguintes temas: Ciências islâmicas, Mídia, Terrorismo, Islamofobia. Presidente do CALCEE - Centro Árabe Latino de Cultura e Estudos Estratégicos; e pesquisador do GRACIAS - Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes.

O Sheikh Jihad iniciou sua fala dizendo que

*o profeta Mohammed, que a paz de Deus esteja com ele, diz: não agradece a Deus quem não agradece as pessoas, então, é importante agradecer as pessoas. Esse é o primeiro passo para você falar de fraternidade, uma pessoa ser grata a Deus e as demais pessoas, a todos aqueles que te beneficiarem com algo, nem que seja uma palavra, nem que seja um sorriso, nem que seja te ajudando a se levantar de um tombo ou alguma atitude e traga tranquilidade, segurança para você ou para alguma atitude e traga tranquilidade, segurança para você ou para os seus.*

Em seguida apresenta uma reflexão sobre o diálogo:

*Deus no alcorão sagrado iniciando, falando sobre a fraternidade, como deve ser o diálogo, que é um tema extremamente importante, ele é muito vasto porque faz parte e é a essência da nossa vida, se tivermos e aprendermos a ter fraternidade, que não é ter fraternidade por você, é pelo o outro que é diferente de você, é gostar do outro mesmo com os defeitos que ele tem ou que acha que ele tem que você enxerga nele, e também o diálogo que é o primeiro passo para que a gente possa estabelecer respeito e justiça. Para convencer o outro mesmo que eu era converter o outro eu preciso passar pelo diálogo. O diálogo não é violência, diálogo não é imposição, diálogo é escutar, depois falar, é dar oportunidade de descer, é dar oportunidade de saber o que o outro tem a dizer, talvez, sejamos ignorante sobre certo assunto e a outra pessoa quando*

*fala nos esclarece, nos clareia e sempre seremos beneficiados. Há um grande sábio chamado islâmico, ele dizia: se eu debater com cem sábios eu ganho deles todos, se eu debater com um ignorante ele ganha de mim, e mesmo assim com tanta sabedoria que ele tinha, tanto conhecimento que ele tinha, ele dizia: sempre quando entro em um debate, sempre que eu entro em uma conversa, eu desejo do fundo do meu coração eu desejo que o outro que está me debatendo, que está debatendo comigo que ele esteja certo para que eu possa aprender algo que ainda não sei. Então, essa é a alma de quem, de fato, entra num diálogo querendo se beneficiar, querendo uma melhoria de si primeiro, nós nunca vamos conseguir beneficiar ninguém, se não estivermos, primeiro beneficiados, se não estivermos plenos primeiramente. Em árabe existe uma regra da jurisprudência islâmica que diz: quem não tem algo não pode dá-lo! Então, se eu não tenho conhecimento não posso dá-lo, se eu não tenho fé não posso passar, se eu não tenho bondade não posso compartilhar, se eu não tiver dinheiro não posso doar, se você não tiver algo não pode doá-lo. Para eu falar em diálogo, falar em fraternidade, é necessário eu começar a praticar isso, eu estar pleno disso para poder distribuir. Para falar de paz eu preciso estar em paz, eu preciso praticar a paz, se eu falar em fé eu preciso praticar essa fé, ela precisa estar em mim, falar em sorrir, eu preciso rir primeiro, eu preciso praticar isso primeiro. Então, Deus no alcorão sagrado nos princípios dessas regras para iniciarmos para termos fraternidade, para termos amor, respeito, termos diálogo pacífico e frutífero, Deus diz: Apoie-se mutuamente no bem e na adoração a Deus! Não é na questão só rezar, é muito mais do que isso, orar, rezar, você reza para você, e se beneficia com a oração, só que o bem beneficia outras pessoas, então nós precisamos unir entre o bem que nós fazemos para nós e as demais pessoas, e a adoração que faz com que nós nos elevemos, faz com que nós melhoremos, faz com que nós nos conectemos com o Criador, para que nos enchamos de paz, de felicidade, de tranquilidade, de paciência, de tolerância, para podermos transmitir isso e trabalhar com isso com as demais pessoas. E continuando esse versículo do alcorão sagrado, Deus ele dá uma ordem e também coloca uma proibição. Uma ordem para uma prática e uma proibição. Apoie-se no bem e na adoração. Está é a nossa base que tem que ser para nós podermos conviver, contagiar as pessoas, e a proibição: Não se apoiem mutuamente no pecado e na agressão. Então são uma ordem e uma proibição, ou duas ordens e duas proibições.*

E ainda reflete sobre o tema da empatia:

*Fazer o bem, e o bem é aquilo que você acredita ser bom, mas também aquilo que a pessoa necessita, não é só aquilo que eu acho ser bom, mas o que a pessoa também, e isso chama-se empatia e*

*consideração que é se colocar no lugar do outro. Vamos conversar com o outro para saber o que ele deseja o que ele espera, qual é o seu anseio? qual é o seu desejo? O que para mim é bom talvez não seja bom para ele. A forma, a linguagem que eu falo para mim, para os meus, talvez não seja adequado para ele. Cada pessoa tem cultura, uma cultura, uma educação, uma formação, uma mentalidade, uma experiência, necessário eu respeitar isso, por isso para se estabelecer um diálogo é necessário consideração, se colocar no lugar do outro. Jesus, Muhammad e Moisés, que a paz de Deus esteja com eles, sempre usavam a mesma frase de formas diferentes, mas diziam amar ao outro como a ti mesmo. O profeta Muhammad diz que uma pessoa não é francamente fiel até que ame o seu próximo para si mesmo, Jesus também disse isso, todos os profetas disseram isso. Eles estavam nos ensinando a nos colocar no lugar do outro.*

Ainda em sua fala ressaltou que a pandemia ajudou-nos a compreender melhor o que é a felicidade que Deus quer: *"A felicidade está nas questões simples: um pouco de água, um pouco de comida e um pouco de contato pessoal"*. E encerra sua fala dizendo: *"Para que haja justiça é necessário haver respeito primeiro, eu respeito o outro e ele me respeita. Não sou obrigado a concordar com ninguém mas sou obrigado mas é obrigação respeitarmos uns aos outros. Não é com concordância que conseguimos conviver, mas com respeito"*.

Em sua conferência o sheikh procurou demonstrar que *"o respeito é a base da justiça que é a base da paz"*.

### **Rabino Gilberto Ventura**

O Rabino Gilberto Ventura é professor e educador há 26 anos. Fundador e líder da instituição judaica Sinagoga Sem fronteiras. Difusor da história judaica. Membro da Comissão inter-religiosa da cidade de São Paulo e da Comissão Inter-religiosa da Secretaria de Igualdade Racial; Membro da Comissão de Liberdade Religiosa da Alesp; integrante da banda inter-religiosa Soul da Paz; autor do livro infantil "O resgate", além de liderar atividades sociais para comunidades carentes

Em sua conferência o rabino Gilberto Ventura iniciou sua fala dizendo que hoje em dia em tempos de tanta intolerância ele utiliza as redes sociais para comunicar o diálogo inter-religioso, por exemplo, faz questão de postar uma foto com o pai Torres que é um pai-de-santo e integrante da banda Soul da paz. Os comentários geralmente são elogios, mas sempre tem alguém dizendo que de acordo com as escrituras ele não é filho de Deus. Em sua fala, o rabino, justifica com a escritura a fraternidade, diz:

*E eu sempre respondo com um versículo da Torah, da Sagrada Torah, o versículo está em Gênesis 29,4. História famosa, quando Jacó tinha fugido de seu irmão Esaú por conta da questão do lugar da primogenitura que ele pegou no lugar do seu irmão primogênito, depois que ele tem aquele famoso sonho da escada, ele segue viagem para Farah, onde ele vai se hospedar na casa de*

*seu tio por causa da fúria de seu irmão Esaú, e no meio do caminho ele vê um poço de água, e ele vê aquele poço está coberto por uma pedra, ele vê que tem vários pastores ao redor do poço e aí ele vai se dirigir aos pastores e vai perguntar se conhecem o tio dele, etc. Como ele se dirige àqueles pastores, ele não chama de companheiro, ele não chama de colega, ele não chama de psiu, ele chama de meus irmãos, eles não eram israelitas, não eram hebreus, não eram judeus, não eram nada disso, com certeza não tinham a mesma matriz religiosa que Jacó, mas ele chama a eles de meus irmãos.*

Essa compreensão “meus irmãos” diz o rabino:

*está relacionada ao princípio espiritual da Torah que diz que somos todos filhos de Adão e Eva e somos todos criados à imagem e semelhança de Deus. Então, isso é extremamente importante, e toda vez que alguém vem com esse discurso de intolerância, eu falo, não, vamos voltar aos fundamentos, sejamos fundamentalistas no bom sentido e vamos voltar lá para a raiz. Na Torah está escrito claramente e em várias passagens, e esta é uma delas, que somos todos irmãos.*

Entretanto, segundo o rabino, a grande questão é perguntar-se sobre qual é o papel dos irmãos?

*Na perspectiva do diálogo nós precisamos abordar a questão das diferenças, e afinal de contas, um dos piores costumes que existem entre os religiosos é justamente desmerecer o diferente e muitas vezes atacar o diferente e desconsiderar o diferente, isso a gente tem vários estágios deste tipo de atitude, desde da apatia e da frieza, da antipatia ao diverso até ataque físico, então a gente precisa saber como tratar este diferente, como tratar o diverso? Então o nosso maior mestre na Terra foi Moisés, Moisés de bendita memória, ele é um exemplo fantástico de qual é o papel do ser humano aqui na face da Terra. Toda vez que eu vejo uma pessoa se utilizar da linguagem religiosa para denunciar para acusar alguém por uma religiosidade diferente não por atitude desonesta não por atitude antiética mas por uma fé diferente, eu digo o seguinte, Deus só tem um, juiz só tem um, e a Torah, as escrituras sagradas não estão ali para te ensinar a ser Deus, não adianta, você pode ter toda inspiração do mundo, você pode se esforçar, você pode estudar na Puc, na Usp, onde for, você não vai ser Deus. A Torah está ali para te ensinar a ser humano. Um dos nossos maiores exemplo de humano é justamente Moisés e vamos aprender com Moisés como é que ele tratou a imperfeição humana. Olha que coisa interessante e daí a gente vai aprender o papel do ser humano perante a imperfeição humana perante a diferença. Como o sheikh colocou muito bem, eu notei a sutilidade da palavra, perante*

*aquilo que a gente compreende como errado, muitas vezes é simplesmente a minha compreensão sobre aquilo que está errado, e não que necessariamente está errado, muito bem, então, Moisés tem uma característica muito surpreendente e que eu digo aos irmãos: prestem atenção ao que está escrito, eu vejo que muitas pessoas passam batido por essa característica de Moisés. Moisés é um advogado de defesa do povo. Moisés não é o acusador. Ele nunca fortalece a ira divina, muito pelo contrário, toda vez que o Eterno por algum motivo diz: Eu vou acabar com o povo, esse povo é muito teimoso, esse povo fez bezerro de ouro, Moisés chega lá e diz: vamos olhar para o outro lado. Então, uma das passagens mais fortes que a gente tem: Quando Moisés está no Monte Sinai, ele vai receber a Torah, recebendo as revelações divinas, logo depois que o Eterno dá os dez mandamentos para o povo de Israel. Moisés vai descendo e vê que o povo fez o bezerro de ouro e o que o Eterno diz: Eu vou destruir este povo, é um povo de dura cerviz, um povo teimoso, eles estavam cego pela escravidão, a escravidão embrutece as pessoas, por um lado amacia o coração, mas por outro lado ela também embrutece. Você não tem oração, você não tem estudo, Os vínculos familiares e os bons exemplos são evitados por aqueles que escravizam. E o Eterno disse: Farei de ti uma nova nação. O povo de Israel não será mais filho de Abraão, Isaac e Jacó, serão filhos de Moisés. Moisés responde ao Senhor: Se o Senhor for fazer isso, por favor, me apaga do teu livro. Ua! ua! Em nenhum momento aparece na Torah que o Eterno ficou irado com Moisés por isso, muito pelo contrário, o que ele faz, ele falou ok, vamos seguir. Tem uma outra passagem que novamente o povo desperta a ira divina, e aí o Eterno diz para Moisés: Eu não acompanharei com minha presença revelada, aliás a presença do Eterno está em todo lugar, nós estamos no Eterno, Ele é onipresente, mas a minha presença revelada não vos acompanhará mais, quem vai acompanhar vocês para a Terra Santa e Israel é o anjo. O que que Moisés diz: Então a gente não vai! Por amor a Deus e ao povo principalmente ele argumenta, então a gente não vai! O que que o Eterno diz: Sigamos! E tem uma terceira passagem, ela chama muito a atenção de todos vocês, a gente precisa mudar a perspectiva do que as escrituras querem ensinar para nós. As escrituras não nos querem ensinar a sermos juízes, as escrituras não nos querem ensinar a sermos Deus, Deus só tem um, as escrituras querem nos ensinar a sermos irmãos, e depois vou trazer o exemplo fantástico que o meu irmão muçulmano Hassid trouxe da nossa viagem da banda Soul da Paz inter-religiosa. Chega o momento em que o povo de Israel no deserto mais uma vez agiu de uma forma teimosa, de uma forma errada e o Eterno falou: Acabou! Agora vou destruir o povo! Moisés e Aarão começam a orar e eles pedem, eles imploram, eles se prostram no chão e o Eterno diz: Ok, tudo bem, não vai ser dessa vez! Dá cinco minutos e o povo novamente erra, aí o Eterno*

*já não avisa e o que Ele faz: Ele manda uma epidemia, ela manda um hipercorona com todas as variáveis possíveis e todo mundo começa a morrer um atrás do outro. O que que muitos, eu não vou dizer nem fundamentalistas não vão para o aprofundamento e ver que está escrito nas escrituras que somos irmãos. Isso que é aprofundamento. O que que muitas pessoas baseadas no ódio, muitas pessoas que projetam na religião, projetam no Criador o seu próprio ódio diriam: Ah, Deus está dizendo que Ele vai acabar com o povo eu vou junto, que bom, que delícia, me dá uma espada, me dá um revólver que eu vou junto, onde eu aperto para estourar a bomba nuclear? O que que Moisés diz: Atenção, minha gente, presta atenção, quebra de paradigma, o que está escrito ali? Quebra de paradigma porque o ser humano fugiu da escritura, o ser humano fugiu da essência. Quando a gente fala da essência a gente está quebrando paradigma por incrível que pareça e o que a gente está fazendo é só resgatar o que está escrito. Moisés diz para o seu irmão Aarão: Pegue o incenso, pega aquilo que está dentro do tabernáculo, que era a oferenda mais sagrada que tinha no Santo dos Santos: Pegue o incenso, pegue o fogo lá de dentro dos Santo dos Santos e acenda o incenso na frente do último morto, eu tenho esperança que isso vai fazer com que a epidemia acabe. Moisés não consultou Deus. Moisés só pensou nos irmãos. Aarão foi lá e acendeu o incenso e de repente parou a epidemia. Ual! O que que o Eterno fez: Não puniu Moisés, o Eterno não expressou insatisfação com Moisés, e se por acaso isso contrariasse a vontade do Eterno obviamente que nem todo aquele incenso e vacinas do mundo teriam a capacidade de parar a epidemia, ou seja, se parou a epidemia é porque o Eterno concordou com aquilo que Moisés fez. Então o que a gente aprende daqui: A gente aprende que o grande exemplo humano que as escrituras nos trazem de ação do ser humano perante a falha do próximo, o povo de Israel tinha falhado, mas a ação de Moisés não é corroborar com a acusação, não é fortalecer o castigo e a ira, mas é tentar defender o seu irmão e depois obviamente como legislador divino que ele foi trabalhar para educar. O que que é muito importante compreender aqui, existe uma mensagem a nível metafórico, dentro desta última passagem. O que que é tirar o fogo do altar e levar para a rua? Muitos religiosos estão focados no rito, muitos religiosos estão focados na reza, conforme o sheikh falou e eu gostei também, e se esquecem que todo esse fogo que a gente cultiva no altar ele deve ser levado para a rua, ele deve ser transformado em ação, em ação pelo bem do próximo, ele deve ser transformado em amor, então, se nesse momento a gente tem uma pandemia com tantas pessoas sendo prejudicadas financeiramente por causa do desemprego, não é apontar culpados, a culpa é desse ou daquele e fica lá na casa dele no bem bom, claro que não, o papel do religioso é ir para a rua, é pegar o fogo em cima do altar, de dentro do seu templo, seja*

*o terreiro, seja a mesquita, seja a sinagoga ou igreja e levar para a rua como o sheikh falou: não perguntando para pessoa se ele é judeu, muçulmano, católico, se ele é ateu, se ele é Hare Crisnan, nada, é olhar aquele ser humano como Jacó olhou aqueles homens que estavam ao redor do poço: como irmãos. E foi por isso que Moisés conseguiu salvar as pessoas. Essa é a grande mensagem. Essa é a mensagem que nós religiosos devemos trazer.*

Após ter oferecido uma reflexão sobre a fraternidade a partir do exemplo de Moisés, o rabino Gilberto Ventura, fala sobre a importância da autocrítica como condição para o diálogo:

*Eu quero seguir, se me permite, com uma outra passagem extremamente interessante que eu acho que é muito proveitosa pra gente quebrar paradigmas. A autocrítica é um elemento importantíssimo para a gente poder evoluir. Uma vez eu fui, acho que foi a última vez que me convidaram naquele grupo inter-religioso, eu fui no evento e cada um ficou falando bem da sua religião e um pouco mal de outra, aí eu olho e falei assim: Gente, não vai adiantar nada isso daqui, e por que? Eu posso mudar principalmente a minha casa, o sheikh pode mudar a casa dele, os padres as casas deles, a yalorisá Tânia a casa dela, e assim por diante. Então, a gente precisa exercer antes de mais a autocrítica, o trabalho para a gente tirar e extirpar aquilo que é negativo dentro e o nosso bom exemplo é o que vai servir para fora. Então, eu gosto muito de citar o livro de Jonas, do profeta Jonas como uma autocrítica muito forte judaica em relação a uma postura que existe entre nós judeus e que existe em muitíssimas religiões. É uma postura que está relacionada a identidade do ser humano, a identidade grupal do ser humano, que ela é saudável até certo ponto, se ela ultrapassar este ponto ela torna-se xenofobia, ela se torna ódio pro diverso, então, a história de Jonas. Jonas em primeiro lugar, Jonas em hebraico significa pomba. Qual é a característica mais interessante da pomba? A pomba é o animal extremamente fiel. Dizem que quando morrem o pombo ou a pomba, o cônjuge não vai procurar outra pomba para ficar, isso é muito interessante. Eu inclusive vi uma vez uma cena que me cortou o coração, vi uma pomba sendo atropelada e outro pombo tentando puxar ela pelo bico. Eu fiquei impressionado e me confirmou isso que eu falei agora a respeito da sua fidelidade. Jonas tinha uma característica muito bonita que era a sua fidelidade ao seu povo, mas justamente por isso, quando o Eterno falou para ele: Eu quero que você vá até a capital de Nínive, Nínive era o país que décadas depois, era a capital da Síria, o país que viria décadas depois destruir o Reino de Israel, não era o amigo, era basicamente uma capital hostil e inimiga, e o Eterno diz para Jonas: Eu quero que você vá até Nínive para admoestar a população dali pra que eles melhorem seu comportamento ético, ele não fala de religião, ético, para que parem com a violência, para que parem com a corrupção, se não eu vou destruir Nínive.*

*O profeta e muitas pessoas no lugar dele iriam pensar: Destrói! Vamos, destrói! por que? Porque são nossos opressores, porque são nossos inimigos. É natural o que o profeta Jonas fala, e o Eterno diz para ele: Você vai ali para salvar aquela população! Como? Você vai tirar o mal do coração deles, você vai ensinar para eles sobre o bem, a justiça. Muito bem. Jonas se nega, Jonas chega ao ponto de fugir de Deus. Ele pega um barquinho e ele acha que Deus está somente no seu território, no seu país em Israel, como muitas pessoas pensam. Muitas pessoas pensam que Deus está só no território dele, da minha religião, só no meu templo religioso, Jonas foge, ele acha que vai sair de lá, ele vai para o Chipre, então, lá, ele vai estar livre. E aí é conhecida a estória, vem a tempestade, Jonas cai dentro do oceano, ele é engolido por um grande peixe, se é metáfora ou não, não importa, o que importa realmente aqui é a mensagem. Depois de um tempo, Jonas percebe o milagre, ele está vivo dentro do ventre do peixe, e aí ele começa a orar para Deus e fala: Olha, depois dessa, eu estou muito devedor e eu vou cumprir o que o Senhor pediu porque vou sair vivo daqui. E o peixe abre a boca ou espirra, sei lá, e Jonas é libertado e ele vai para Nínive. Quando ele chega a Nínive, ele reúne o povo na praça, fico imaginando aqui em São Paulo, na praça da República, na praça da Sé, e ele começa a falar: O Eterno, Criador do mundo, ele acha que vão apedrejar ele, quem é esse cara estranho que está vindo aqui falar com a gente? E o que eles fazem? Eles decretam jejum. Eles fazem três dias de jejum. Eles vestem sacos simbolizando o luto, o arrependimento, e eles se arrependem e mudam o comportamento deles e Deus diz para Jonas: Parabéns, você salvou Nínive! Agora vem um ponto central que eu falo para todos aqueles que têm ódio perante os que pensam de uma forma diferente a religião: Vocês são Jonas antes da missão final que o Eterno deu para ele! E precisamos extirpar esse excesso de grupalismo e tribalismo, a identidade é importante, mas nunca em excesso, o que que Jonas faz? Depois que ele salvou o povo de Nínive, ele vai para o meio do deserto, ele deita e pede para Deus matar ele: Eu quero morrer! Eu sabia que o Senhor iria perdoar eles! Gente, veja que coisa impressionante? Você salvou centenas de milhares de pessoas e você diz: Meu Deus eu prefiro morrer pois eu não queria ter salvado eles! Aí vem a grande mensagem: Ele está deitado com aquele sol forte em cima dele e o Eterno faz um grande milagre. Qual é o milagre? Nasce uma abóbora, não sei se vocês conhecem a planta da abóbora, mas ela é enorme, ela é muito grande a folha, e esta folha faz sombra para ele, ele já estava desidratando e de repente, ele abre o olho e ele vê aquela planta, ele fala: Ual! Deus fez um milagre para mim! É o personal God, o Deus particular fez um milagre para mim. É isso que eu gosto. Eu gosto do Deus particular meu que faz milagre na minha igreja, na minha sinagoga, na minha, não na dos outros. Aí, ele fica feliz. O que que o Eterno faz aquela*

*hora? Manda uma larva e aquela larva vai lá e morde o cabinho da planta da abóboreira e murcha. Aí Jonas começa a reclamar: Minha planta! O meu ar condicionado que o Senhor me deu! Não, o meu milagre particular! Aí, o Eterno fala para ele: Você estava muito preocupado com a plantinha que acabou de nascer. Você plantou essa planta? Não foi você que plantou! Você conhece ela a quanto tempo? Mas com as centenas de milhares de seres humanos e animais - é muito interessante, porque o versículo inclui animais - inocentes que não conhecem a diferença da direita para esquerda, você não se importou com as minhas criaturas! Assim termina o livro de Jonas. O que que é esse livro? Esse livro é uma crítica, ele é um chamado para que a gente preste atenção: ser pomba é bom, ter fidelidade é importante, ter identidade é importante, ter história é importante, ter referências é muito importante. O ser humano sem referências é perigosíssimo porque normalmente ele procura se afirmar em detrimento do outro se ele não tem referência, mas quando a fidelidade, quando a referência, ela é em excesso em detrimento do outro, o que essa estória quer ensinar para a gente é que ela se torna em detrimento de Deus porque se você não importa com a criação divina, e aqui é fantástico, porque o livro termina falando dos seres humanos e dos animais, que deve incluir os animais, que deve incluir as plantas, então, no final das contas, você está atentando contra Deus.*

Ao encerrar sua fala, o rabino Gilberto Ventura, reafirma que biblicamente somos irmãos e faz suas considerações:

*Então, a contribuição que eu quero deixar aqui com todos os que estão assistindo e aos meus queridos irmãos é que biblicamente falando nós somos irmãos, e após, ou como veio ser chamado depois Israel, em momento algum perguntou qual era a religião daquelas pessoas que estavam em volta do poço, até porque nem tinham ainda, e não era a mesma que a dele, Jacó chamou eles de irmãos, a gente aprende com Moisés uma coisa muito importante: o nosso papel não é ocupar o lugar de Deus. Pode estudar na Puc, na Usp, em Harvard, fazer doutorado, fazer, você não vai ser Deus. Você quer aprender qual é o papel do ser humano, segundo as escrituras sagradas? Seja, julgue positivamente o seu próximo, e onde ele estiver errado busque educar, isto é extremamente importante, e agora eu vou realmente terminar com algo muito importante também: As escrituras são amplas, são profundas, muitas pessoas pinçam versículos das escrituras e buscam através desses versículos fundamentar suas atitudes de ódio e nós líderes religiosos cabe fazer o contrário, cabe revelarmos o que há de essencial e o que há de positivo nas religiões. Eu recebi uma mensagem a pouco escrevendo assim: Há Jihad é o nome do sheikh, muito interessante, isso já diz tudo, e eu me lembro sheikh em vários encontros que a gente ia que o senhor abria o encontro*

*abrindo a roupa para mostrar que não tinha bomba dentro. Não é verdade?, eu lembro disso. O que acontece? As pessoas olham um detalhe, olham uma palavra, as pessoas não conhecem a cultura, eu não vou explicar sobre o jihad, que eu já ouvi o sheikh explicando, as pessoas não conhecem a cultura, as pessoas não conhecem a cultura da yolorisá Tânia e já vão atacando, chamando que é coisa do demônio, é coisa do diabo, vai conhecer a pessoa, vai conhecer a cultura, vai conhecer o que a sua cultura pode trazer de respeito em relação a outra. Vou terminar agora com uma passagem muito importante: Toda vez que vem alguém para mim me criticar porque tenho amigo, muçulmano é mais fácil, cristão é mais fácil, porque são religiões abraâmicas, mas quando alguém vem me criticar porque tiro uma foto com o pai Torres ou porque estou aqui chamando a irmã Tânia de irmã, eu digo o seguinte, eu cito, estudem mais. Eu cito o profeta Malaquias, de bendita memória, Capítulo 1, versículo 11: O Eterno faz uma crítica ao povo de Israel, os nossos livros são cheios de autocrítica, e infelizmente muitos utilizaram da nossa autocrítica para nos criticarem, isso também é algo precisa ser levado com muito cuidado, ok, mas vamos lá, E diz assim: O Eterno diz: vocês ficam querendo trazer oferendas aí, oferenda caolha, bicho humano, que coisa feia. Aí, Ele fala assim no versículo 11 no capítulo 1 de Malaquias: Pois do nascer do sol até o pôr do sol, o meu nome é grande entre as nações! Em todos os lugares, incenso puro é trazido em meu nome, porque meu nome é grande entre as nações, disse o Eterno. E aí vem uma pergunta e eu vou terminar com isso: Aí vem uma pergunta: um grande comentarista da Torah, cerca de mil anos atrás, ele fez essa pergunta que reverberou durante gerações: Como é que o Eterno diz ali no profeta Malaquias que o nome dele é grande entre as nações se todas as nações eram politeístas? Não tinha islã, não tinha cristianismo, Não tinha, eram politeístas, tinham outros deuses. Qual a resposta que ele traz? Ele diz o seguinte: E por todos que tem suas divindades, etc, no final das contas, tenha a consciência de que existe um Criador dos criadores, e que no final das contas, todos esses cultos são voltados, em última instância, mesmo que inconscientemente para esse Criador dos criadores, ou seja, nós podemos olhar para uma pessoa de uma realidade diferente, de uma religião diferente, e julgar positivamente. Como interpreto isso para os nossos dias? Eu penso o seguinte, o que essa pessoa está buscando, seja no hare krishna, seja no candomblé, na umbanda ou em qualquer outra religião? Ele está buscando a verdade, ele está buscando o bem, ele está buscando o sentido, então, com certeza absoluta ele está procurando o mesmo Deus que eu e isso tem que ser valorizado. O que ele está procurando? Até porque se eu vejo uma pessoa de outra religião completamente diferente da minha agindo de acordo com os princípios que eu acredito: fazendo o bem ao próximo, perdoando, julgando positivamente,*

*estendendo a mão, promovendo o diálogo, com certeza absoluta em essência ele é muito mais próximo do meu Deus, do Deus que que acredito, do que uma pessoa que diz as mesmas palavras que eu, do que uma pessoa que diz as mesmas referências que eu, de uma pessoa que usa a mesma indumentária que eu, porém, utiliza da religião para difundir o ódio, a soberba, a discriminação, eu digo: Não! Essa pessoa, essa primeira pessoa com certeza absoluta apesar de não usar o mesmo nome que eu está conectada a mesma essência que eu compreendo como Deus, enquanto o outro que pode estar com o mesmo uniforme, com o mesmo idioma, com o mesmo passaporte, se ele identifica Deus com vaidade, soberba, o ódio, a injustiça, não é o mesmo Deus que o meu. Então, acho que essa é a grande mensagem que a gente pode tirar do versículo 11 do capítulo 1 do profeta Malaquias. E termino com as palavras de Jacó: Irmãos! Nós somos irmãos! A nossa passagem por esse planeta é muito rápida, a nossa passagem pelo tempo e espaço é muito rápido, a vida é muito linda, e a vida no universo é super escassa, só é encontrada neste pontinho pequeno azul, lindo e maravilhoso que é o planeta Terra. E homem nenhum tem o direito de prejudicar essa viagem fantástica que passa rápido como uma sombra e uma nuvem. Que sejamos irmãos, que sejamos fraternos, e que a gente se identifique muito mais na essência daquilo que Deus manifesta para nós que é o amor. Eu agradeço de coração, eu desejo a todos os presentes muita paz, muitas bênçãos, a todos que estão participando e que a gente estenda esse tipo de ação cada vez mais, porque é isso que a nossa família humana precisa. Shalom a todos! Um grande abraço fraterno a todos!*

### **Yalorisá Tânia Vitor**

Iyá Tânia chama-se Tânia Vitor de Lima é sacerdotisa de religião de matriz africana no Ilê Egbe Alaketu Oya Alagbará, mãe de quatro filhos, avó de oito netos, iniciada no culto aos orixás no candomblé nação ketu desde 1983, mulher preta, engajada no Movimento Negro, apoia o coletivo de mulheres e no resgate da cultura afro-brasileira. Atua em ações de fomento e fortalecimento de desenvolvimento voltados para o resgate da cultura afro-brasileira direcionadas para políticas públicas de educação, saúde, cultura e social, mulher de luta e resistência que possui sua história dedicada e realizada a toda sua religião e seu culto. Preside a ACAFRO (Associação Afro-brasileira de Franco da Rocha) onde são desenvolvidas oficinas de percussão, danças de rodas, culinária, capoeira e samba de roda e palestra. Membro da Comissão Diocesana de Bragança Paulista para o Diálogo inter-religioso onde desenvolve encontros com sacerdotes e representantes do poder público e sociedade civil no município de Franco da Rocha. Membro do conselho de igualdade racial e religiosa e do conselho municipal de políticas públicas e de cultura de Franco da Rocha.

Iyalorisá Tânia inicia sua fala dizendo:

*Meus cumprimentos a todos os líderes que estão nos assistindo. Quero reverenciar o Criador, Senhor da existência, que detendo*

*o poder sobre todas as coisas, que por mim e pelo povo yorubá é chamado de Olodumaré ou Olorum. Reverencio meus ancestrais, aqueles que vieram antes de mim e que lutaram e derramaram seu sangue para que hoje eu estivesse aqui tendo esta oportunidade, que deixaram um legado a ser preservado por nós de religião de matriz africana. Reverencio a todos os orixás, mas em especial, minha mãe Oyá, Xangô Obá, por estarem regendo o dia de hoje, quarta-feira em nossa crença. Oyá, esse orixá que me abraçou em meu nascimento e que nasceu dentro de mim em minha iniciação e que abaixo do Criador me fortalece todos os dias de minha vida. Reverencio meus ancestrais indígenas, os verdadeiros donos desta terra que em mim são representados pela entidade caboclo da pedra preta que me acompanha desde dos meus doze anos de idade. Eu vos reverencio. Isso tudo para mim é muito importante para que eu possa adentrar nesse espaço de diálogo com respeito, gratidão, com muito amor no coração. Esse momento para mim é muito grandioso. A abertura que a Puc como instituição educacional cristã abre hoje no dia da comemoração do seu aniversário a líderes religiosos de outros segmentos no que se refere a questão do diálogo inter-religioso demonstra responsabilidade social e humana permitindo um olhar generoso, respeitoso, sendo referência quando nos referimos a um ato fraterno e de amor.*

Depois, a Iyalorisá falou sobre o que significa ser mulher, líder religiosa e negra na sociedade atual. Disse:

*Agora, vou falar um pouquinho de mim, da minha vivência para que através disso as pessoas possam compreender um pouco do candomblé, um pouco do nosso trabalho, do que passamos, do que sentimos. Eu Tânia Vitor, Iyá Tânia que quer dizer mãe Tânia, iyá no dialeto yorubá quer dizer mãe. Então, matriarca de matriz africana, sempre senti um grande incômodo desde muito jovem por perceber e sentir na pele que o candomblé sempre foi tido como uma coisa exótica, folclórica ou prática demoníaca, por isso minha militância começou muito muito cedo. Falando do candomblé não só como religião, como cultura, porque os terreiros eles são espaços de preservação da cultura africana e afro-brasileira, espaço onde mantemos vivas essas expressões através do culto, da religião, da linguagem, da culinária, da percussão, da dança, das vestimentas, enfim, da religiosidade. Fazemos cultura, fazemos arte, não somos pessoas ignorantes, não somos menos inteligentes, somos habilidosos, somos estudiosos, porque o candomblé é uma faculdade paralela onde aprendemos tudo isso da botânica. Falando também de valores ancestrais, do respeito aos mais velhos - sua sabedoria e vivência, da gratidão pela existência, pelo dom da vida, pelo alimento de cada dia, pedimos benção para os mais velhos, aos mais novos, e iguais, aos nossos iguais, todos os dias.*

A yalorisá fala da visão de mundo do candomblé, isto é, da cultura africana:

*Também procurei sempre falar da nossa visão de mundo, da força e da importância da mulher, do poder da natureza, como devemos respeitá-la, que não somos adoradores de vários deuses, e que o Criador é um só independentemente da nomenclatura. Eu sempre lutando pela igualdade de direitos porque somos gente, somos cidadãos, pagamos nossos impostos, temos alma sim e como temos. Mostrando também que praticamos um bem, porque poucas pessoas sabem e se interessam em saber e conhecer de perto o trabalho diário de um terreiro que tanto acolhe, orienta pessoas e fazem o trabalho social independentemente de orientação religiosa, sexual, da profissão, isso tudo é um trabalho de amor fraterno porque ninguém vê adeptos de religiões de matriz africana apontando ninguém, disseminando ódio, batendo na porta de ninguém, porque o respeito para nós é a base de tudo. O direito de ir e vir, a liberdade de expressão e pensamento, porque a nossa cabeça (ori) é livre.*

Demonstra a importância de agir com a cabeça enquanto ela é expressão da liberdade:

*Quando a gente usa um pouco se quer da nossa capacidade cerebral de compreensão respeitando as diferenças já estamos dando os primeiros passos para dizer que amamos. Infelizmente, lamentavelmente alguns segmentos religiosos que dizem que fazem o bem e pregam amor, se tornaram verdadeiras academias onde se aprende e formam fanáticos para perseguirem outras religiões, em especial, as religiões de matriz africanas. Somos vítimas diárias. Esses segmentos estão alienando mentes. Nós entendemos e sentimos que estamos numa guerra constante porque entram em nossos redutos sagrados, destroem nossos símbolos, vivem e se dedicam para planejar ataques a nós o tempo todo.*

Faz uma reflexão sobre a realidade de racismo religioso que sofrem por parte dos cristãos e faz uma interpretação do que deve ser o cristianismo:

*Aí eu fico pensando em Cristo que a maioria de vocês são seguidores e que eu respeito muito. Fico pensando em tudo que ele pregou: o amor, a caridade, a humildade, o vencer a si mesmo, a não julgar o próximo e sim amá-los apesar das diferenças e perdoar. Esse diálogo que estamos tendo hoje e esse trabalho que temos juntos, aliás a Diocese de Bragança Paulista são pontos de luz, estamos dando e sendo exemplo de respeito, de amor fraterno em meio a tanto ódio que está pairando no planeta e principalmente em nosso país. É fantástico esse trabalho. A gente precisa que o mundo aprenda, que o Brasil aprenda, que os nossos jovens aprendam a dialogar, a respeitar as diferenças. Continuarei minha missão aqui no Ile aye (terra). Quem tiver seus demônios, seu satanás, podem ir cuidar*

*deles porque nós não acreditamos e eu não o conheço. Acreditamos que existem ajoguns que são espíritos malvados que atuam nas mentes das pessoas para praticarem o mal trazendo vícios, tudo de negativo, nos afastando de Olodumaré, o Criador. Todos os credos convergem para o mesmo lugar - que é o encontro com o Criador - o Senhor da Vida. Eu, Iyá Tânia, eu não consigo acreditar que todos viemos para termos a mesma orientação religiosa, muito pelo contrário, acredito que o Criador nos coloca em lugares diferentes. Precisamos alcançar a evolução à luz por caminhos diferentes, com filosofias diferentes. Quando paramos e aprendemos a dialogar e a respeitar é sinal que estamos evoluindo neste processo de existência e estamos aprendendo a amar. Quantas guerras já houveram na história em nome de religiões e que ainda acontecem? Sendo que o amor fraterno é importante como mandamento e só o amor supera tudo, porque quem ama não tolera, quem ama não maltrata, quem ama não atira pedras, quem ama respeita. Eu quero poder andar e adentrar em todos os espaços com minhas indumentárias, meu ojá na cabeça que é meu turbante, meus ilekes que são meus fios de conta simbolizando meus orixás e não ser apontada como filha e seguidora adepta do demônio. Eu não quero mais ver nossas crianças sendo apedrejadas. Eu não quero mais perder pessoas valorosas como Mãe Gilda de Salvador que eu participo com a filha dela que é a Yalorisá Bruna de Oxum dentro de um grupo de diálogo e militância. Mãe Gilda, essa yalorisá, que veio a falecer de um infarto fulminante após ter sua foto estampada com a tarja no rosto em um jornal de uma igreja, chamada de charlatã porque o racismo religioso levam a nos enxergar como sorrateiros, como malandros, como charlatões.*

A Yalorisá Tânia termina sua conferência mostrando algumas imagens de trabalhos realizados que ela denomina de “amor fraternidade e diálogo”.

### **Fraternidade e diálogo: compromisso de amor**

Considerando a proposta do diálogo aberto pelo webinar, reconhecemos pertinente refletir sobre a proposta da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021. A proposta do Conic foi refletir sobre a paz que brota da fé em Cristo que é a superação da inimizade e do ódio. Ela promove a unidade (Ef 4,1-6), enquanto o ódio provoca inimizades e agressões e a guerra mata e destrói. A paz permite cuidar e reconstruir a convivência social - “sois da família de Deus” - irmãos e irmãs (Ef 2,19)! (CONIC, 2021, p. 46). Duas considerações acerca da reflexão teológica-bíblico-pastoral que encontramos no texto-base:

(1) O contexto histórico (o ambiente sócio-político-cultural) da comunidade paulina de Éfeso: A paz que Cristo traz não é a Paz Romana imposta sob a arbitrariedade de governos que subjagam, que não é estendida a todas as pessoas. Neste sentido, o Conic, ajudou-nos na compreensão de que estamos diante de dois projetos: a Paz (shalom) de Cristo (em consonância

com o profetismo de Israel - a espera messiânica e do Reino) - um projeto de biofilia - de vida em plenitude a todas as pessoas em oposição a um projeto de necropolítica - que através da corrupção dos governos em conluio com a elite promove por força militar a barbárie (escolhendo quem vive e quem morre), por isso mesmo, produzindo a fome e a miséria, gerando a exclusão.

(2) A maturidade da fé exigida por São Paulo: As pessoas cristãs não podem permanecer eternas crianças na fé, mas devem amadurecer na fé em Cristo. O que evidencia a maturidade cristã e o seguimento a Jesus Cristo é a capacidade de amar cada pessoa incondicionalmente. Amar incondicionalmente significa não impor restrições para amar o próximo. Deus não estabeleceu critérios para amar. Deus ama toda a humanidade. Os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos nos comprometem (CONIC, 2021, p. 46-47)

Ser adulto na fé (na perspectiva cristã) e ou mesmo ser o adulto (tornar-se responsável/corresponsável) é ter atitudes semelhantes ao que aprendemos dos ensinamentos de Jesus nos Evangelhos e que nos comprometem à prática do amor, do diálogo, do perdão, da compaixão e do convívio. Jesus ensina ainda que devemos ser resistência profética contra os poderosos dominadores que escravizam e subjagam. Tendo Cristo derrotado esses poderes, todos somos livres para praticar a equidade, a inclusão e a unidade na diversidade (CONIC, 2021, p. 47)

O webinar, neste sentido, oferece um espaço para a adultez necessária em nossos dias, onde cada pessoa compreendendo-se como um ser-em-relação abre-se à escuta do outro para dialogar, e a partir dos ensinamentos próprios de suas crenças, constroem a paz de modo artesanal, isto é, através da arte das relações humanas que são feitas do compromisso afetivo e efetivo entre uns e outros e em prol do bem comum, da Casa Comum.

### **Deus olha com o coração: um caminho possível de paz entre as religiões.**

O Papa Francisco na carta encíclica "Fratelli Tutti" (2020) no oitavo capítulo reflete sobre o serviço das religiões à fraternidade no mundo. Ele retoma essa perspectiva já apontada pela Nostra Aetate ao afirmar que somos todos irmãos, pois cada pessoa humana como criatura é chamada a ser filho ou filha de Deus. Como podemos observar ao lermos as conferências dos líderes religiosos deste webinar, o diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz por diplomacia, amabilidade ou tolerância, mas tem como objetivo estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor (FRANCISCO, 2020, p. 140)

A razão por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e entre eles estabelece uma convivência cívica, mas não consegue fundar a fraternidade. Sem uma abertura ao Pai de todos, não podem haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade. A raiz do totalitarismo moderno negou a dimensão transcendente da dignidade humana enquanto imagem visível de Deus invisível. Toda pessoa humana é imagem viva de Deus, por isso, pela sua própria natureza, sujeito de direitos que ninguém pode violar, seja indivíduo, grupo, classe, nação ou Estado (FRANCISCO, 2020, p. 141).

Quando se expulsa Deus da sociedade, acaba-se adorando ídolos, e bem depressa o próprio homem se sente perdido, a sua dignidade é espezinhada, os seus direitos violados. Deve

haver um lugar para a reflexão que provém do fundo religioso que recolhe séculos de experiência e sabedoria. Embora a Igreja respeite a autonomia da política, não pode nem deve ficar à margem da construção de um mundo melhor nem deixar de despertar as forças espirituais que possam fecundar toda a vida social. (FRANCISCO, 2020, p. 141-142).

A Igreja valoriza a ação de Deus nas outras religiões e nada rejeita do que, nessas religiões, existe de verdadeiro e santo. Olha com respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. Outros bebem de outras fontes. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos. (FRANCISCO, 2020, p. 143-145).

Entre as religiões, é possível um caminho de paz. O ponto de partida deve ser o olhar de Deus. Porque “Deus não olha com os olhos, Deus olha com o coração. E o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião. E se é um ateu, é o mesmo amor. O culto sincero e humilde a Deus leva, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem estar (FRANCISCO, 2020, p. 145-146)

## Conclusão

Lemos na Declaração Nostra Aetate (1965) no número 5: “*Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem*”. Diz ainda a mesma Declaração ao comentar sobre a atitude da Igreja católica em relação às outras religiões não-cristãs:

*A Igreja reprovava, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, condição ou religião”. (PAULO VI, 1965). e admoesta que “(...) seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos, que observando uma boa conduta no meio dos homens (1 Ped. 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens, quanto deles depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está nos céus (PAULO VI, 1965).*

Tais atitudes se esperam dos cristãos e de todos aqueles e aquelas que compreendem que para haver um empenho para o reconhecimento da igualdade fundamental entre todas as pessoas faz-se necessário a fraternidade como ideal e condição de uma amizade social, isto é, compreendermo-nos todos como membros da mesma e única família humana, portanto, irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai de todos e todas.

O diálogo é o meio pelo qual aprendemos a escutar o outro sendo mais solidários. O compromisso de justiça social que nasce da escuta amorosa leva-nos a promover o bem comum na perspectiva do cuidado com a Casa Comum. Quando ouvimos com amorosidade cada um desses líderes, tornamo-nos capazes de agir com ternura para com cada um deles amando de verdade,

isto é, buscando compreender suas vivências e mesmo tendo sentimento de indignação diante da injustiça e opressão que sofrem. A compaixão aos membros de grupos religiosos, sobretudo de matriz africana e indígena, que em nosso país sofrem o racismo religioso, manifesta-se como justiça diante da intolerância religiosa. (BOARETO, 2021, p. 22).

## Referências

- BOARETO, José Antonio. Diálogo em ternura: educar para escutar com amorosidade. In: *Revista de Educação da Anec*, v. 51, p. 11-29, n. 164, 2021. Disponível em: <https://revistas.anec.org.br/index.php/revistaeducacao/article/view/398/235>. Acesso em: 26 out. 2022.
- CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. *Texto-base da campanha da fraternidade ecumênica 2021*. Brasília: Edições CNBB, 2020, 80 p.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020. (Coleção Voz do Papa).
- PAULO VI, Papa. *Declaração Nostra Aetate*. Sobre a Igreja e as religiões não-cristãs. 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html). Acesso em: 26 out. 2022.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. *Webinário 80 anos da PUC-Campinas*. Fraternidade e diálogo: compromisso de amor. Campinas: PUC-Campinas, 2021. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/nucleo-de-fe-e-cultura/#1588015471781-cb7712c7-16b1>. Acesso em: 01 out. 2022.